

Entrevistas

Daniel Kupermann¹

Elias Mallet da Rocha Barros²

Virginia Ungar^{3 4}

1. Em *Análise terminável e interminável*, Freud (1937) refere-se ao psicanalista como um “pobre infeliz” face aos inúmeros obstáculos que deve enfrentar na condução de uma análise. O que faz de um psicanalista um psicanalista?

Daniel Kupermann

Decerto não é a infelicidade! Com algum humor, diria que talvez a pobreza. No geral, somos cidadãos de classe média, e sabemos a carga de trabalho e de angústias sobre a classe média em um país em que a educação e a saúde públicas deixam muito a desejar. O curioso é que há analistas que não aceitam esses limites inerentes ao nosso ofício e querem enriquecer. Lembro-me de um texto de Eduardo Mascarenhas (1982) sobre isso. Daí ele virou político, deputado federal.

Essa passagem me recorda a entrevista de Freud a George Viereck. É preciso citar a passagem na íntegra: “Não me faça parecer um pessimista”, diz Freud ao final da entrevista, após apertar a mão de Viereck, “Eu não tenho desprezo

1. Psicanalista, professor livre-docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pesquisador bolsista do CNPq e presidente do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi. Autor dos livros *Por que Ferenczi?* e *Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições*, publicados pela editora Zagodoni, e de *Ousar rir: humor, criação e psicanálise* e *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*, publicados pela editora Artes & Ecos.

2. Analista Didata, Professor e Supervisor da SBPSP, Distinguished Member da British Psychoanalytical Society and Institute.

3. Membro titular com função didática da APdeBA (Associação Psicanalítica de Buenos Aires). Ex-presidenta da IPA (Associação Psicanalítica Internacional) no período 2017-2021.

4. As respostas de Virginia Ungar estão publicadas em seu idioma original – o espanhol – e traduzidas para o português.

pelo mundo”. E Freud (citado por Viereck & Souza, 2020) continua: “expressar desdém pelo mundo é apenas outra forma de cortejá-lo, de ganhar audiência e aplauso. Não, eu não sou um pessimista, não enquanto tiver meus filhos, minha mulher e minhas flores! Não sou infeliz – ao menos não mais infeliz que os outros”. Vejam: filhos, mulher, flores... singelo, bem pouco ambicioso, e ao mesmo tempo *good enough*, o que o fazia feliz. No ano da entrevista, 1926, Freud tinha 70 anos, e logo assistiria a ascensão de Hitler ao poder. Assim, “enquanto tiver meus filhos, minha mulher e minhas flores”, ele estaria feliz. Profético. Evoco uma bela música dos Titãs: “Enquanto houver sol ...] Ainda há de haver esperança / Em cada um de nós / Algo de uma criança”.

Assim, se o analista estiver muito infeliz, se tiver se tornado um “pobre infeliz”, e sabemos que nosso ofício tem muito de insalubre, Freud (1937/1980b) recomenda nesse mesmo ensaio, *Análise terminável e interminável*, um período de reanálise. Ele chega a ser preciso, indicando uma reanálise de cinco em cinco anos. O que desconstrói o mito de que o analista bem analisado é bem resolvido, tal qual um funcionário público com aposentadoria integral (claro, alguém da fazenda ou do judiciário, não aqueles da área da saúde ou da educação, sempre prejudicados).

Ora, o que torna o ofício psicanalítico tão penoso e insalubre, a ponto de termos que resistir a ele? A sexualidade dos analisandos? Sua agressividade? Suas resistências? Penso que não. Propus em outro lugar que o quarto golpe infligido pela psicanálise no narcisismo da humanidade é o reconhecimento do desamparo, caracterizado, decerto, por uma ética particular (Kupermann, 2017). O que isso quer dizer? Reconhecer o desamparo é reconhecer que vivemos em um mundo no qual nada está garantido; tudo – nossos amores, sonhos, ideais compartilhados, até nosso planeta – pode acabar. A democracia pode acabar, a IPA pode acabar. O Botafogo pode acabar (demorei mais de 50 anos para descobrir isso). Até o Flamengo pode acabar, porque frente ao Real não há VAR.

Desse modo, o que faz de um psicanalista um psicanalista, o que talvez o diferencie de um filósofo existencialista, são ao menos três coisas: a experiência encarnada, adquirida em sua análise pessoal, de que não há certezas na vida (usualmente chamamos isso de desamparo); a constituição de um saber e de uma ética – apoiados nessa experiência – acerca dos modos como nos defendemos e dos modos como lidamos criativamente com esse desamparo; e dispor de um método terapêutico – somos treinados para isso em nosso processo de formação psicanalítica – que tem por objetivo ajudar as pessoas que sofrem por não suportar o desamparo a aceitá-lo, porém, sem perder a ternura (Ferenczi, 1933/1992c).

A parte mais difícil, aquela que nos impõe os maiores obstáculos, está ligada ao acompanhamento do processo de perlaboração (*Durcharbeitung*) de cada analisando. É preciso paciência, respeito ao tempo e ao ritmo dos analisandos. Mas essa é, segundo Freud, também a parte do tratamento que mais produz efeitos.

Mudando de perspectiva, segundo Ferenczi (1933/1992c), na base do que faz de um psicanalista um psicanalista estaria o fato de que o psicanalista foi, de algum modo, uma criança traumatizada, que, por circunstâncias, teve que cuidar dos seus cuidadores, tornando-se o “psiquiatra da família”. Somos nós.

Elias Mallet da Rocha Barros

São tantas as razões que é difícil elencá-las. A primeira delas é confrontar-se com a dificuldade que as pessoas têm de fazer face à sua realidade psíquica inconsciente, a fazer face à verdade psíquica, ou seja, a reencontrar-se consigo mesmas. As pessoas procuram um analista quando estão sofrendo porque suas defesas fracassam ou porque, em outros casos, quando elas funcionam tão eficientemente que os paralisam. Nestas situações, dizem que querem “se tratar”, mas no mais das vezes desejam apenas reequilibrar-se, e é neste momento que tendem a abandonar a análise. O “pobre infeliz” nesta altura já investiu anos no tratamento e anos em sua formação. Ou seja, frequentemente somos punidos por *ajudar* o paciente. Além disso, colocar-se na posição de analista, como diz Green, dói. Somos convidados a compartilhar o sofrimento do paciente e, em seguida, a nos afastarmos do ser humano que somos e intervir como profissionais. Ambos os movimentos são sofridos. Penso que o que faz de um analista tornar-se essencialmente Psicanalista é uma atitude permanentemente investigativa quanto ao sentido e ao significado das narrativas e de outras formas de presença da parte do paciente. Tanto sua Escuta, quanto suas observações feitas ao paciente, são orientadas por esta atitude.

Virginia Ungar

No mencionado artigo, Freud pergunta-se como o analista, “pobre infeliz”, adquire a aptidão ideal para trabalhar em sua profissão, e sua resposta inclui a análise pessoal, a convicção na existência do inconsciente e, também, os processos de transformação no eu, que continuarão ocorrendo espontaneamente.

Ainda que esse texto freudiano nos convide a refletir sobre a noção de fim da análise, que estará sempre ligada à teoria da cura sustentada

por cada analista, podemos ir além e pensar sobre o que significa ser um psicanalista hoje.

Começaria tomando a liberdade de parafrasear a famosa frase de Simone de Beauvoir em *O segundo sexo* (1949/2016): “Não se nasce mulher, torna-se”, para sublinhar que nos tornamos psicanalistas em um longo processo de construção que, de alguma maneira, se estende ao longo de toda a vida profissional, no que chamamos de formação contínua.

Esta não se refere apenas ao estudo dos textos psicanalíticos, mas inclui o intercâmbio com colegas sobre a experiência clínica. Nossa profissão é uma profissão solitária, e o narcisismo nos coloca emboscadas, empurrando-nos para o terreno da nossa própria resistência à análise.

A supervisão e os intercâmbios ajudam-nos a internalizar a atitude analítica, conceito que não é fácil definir. Brevemente, a atitude analítica compreenderia elementos tais como a receptividade, a disposição à observação, a tolerância ao mistério e ao desconhecimento e a inclinação a tentar refletir em vez de atuar.

Donald Meltzer (1968/1996) refere-se à prática da psicanálise como “um ato de virtuosismo, uma combinação de atividade artística e atlética” (p. 158). E acrescenta que, tanto o virtuoso, como o atleta, confiam de forma absoluta no inconsciente, no momento de seu desempenho.

Penso que, somado a tudo isso, um analista hoje deve estar atento à produção de subjetividades do seu tempo e de sua cultura.

Idioma original

1. En Análisis terminable e interminable, Freud (1937) se refiere al psicoanalista como “un pobre diablo”, en relación a los innumerables obstáculos que debe enfrentar en la conducción de un análisis.

¿Qué hace de un psicoanalista un psicoanalista?

En el artículo mencionado, Freud se pregunta por cómo el analista -pobre diablo- adquiere la aptitud ideal para trabajar en su profesión y su respuesta incluye al análisis personal, la convicción en la existencia del inconsciente y también, a los procesos de cambios en el yo que continuarán sucediendo de manera espontánea.

Si bien este texto freudiano nos invita a reflexionar sobre la noción de fin de análisis, la que va a estar siempre ligada a la teoría de la cura que cada analista sostenga, podemos ir más allá para pensar que significa hoy ser un psicoanalista.

Comenzaría tomándome la libertad de parafrasear la famosa frase de Simone de Beauvoir en *El segundo sexo* (1949/2016): “No se nace mujer, se *deviene*” para subrayar que se *deviene* psicoanalista en un largo proceso de construcción que de alguna manera se extiende a lo largo de toda la vida profesional, en lo que llamamos formación continua.

No se refiere sólo al estudio de textos psicoanalíticos, sino que incluye el intercambio con colegas sobre la experiencia clínica. La nuestra es una profesión solitaria, y el narcisismo nos tiende emboscadas que nos empujan al terreno de nuestras propias resistencias al análisis.

La supervisión y los intercambios ayudan a internalizar la actitud analítica, concepto que nó resulta fácil de definir. Brevemente, la actitud analítica comprendería elementos tales como la receptividad, la disposición a la observación, la tolerancia tanto al misterio como al desconocimiento y la inclinación a tratar de reflexionar antes que actuar.

Donald Meltzer (1968/1996), se refiere a la práctica del psicoanálisis como “un acto de virtuosismo, una combinación de actividad artística y atlética” (p. XX). Y agrega que tanto el virtuoso como el atleta confían de forma absoluta en el inconsciente en el momento de la ejecución.

Pienso que sumado a todo esto, un analista de hoy debe estar atento a las condiciones de producción de subjetividades, y en ese sentido a la cultura de cada contexto y su época.

2. Freud definiu como regras fundamentais para a prática psicanalítica a associação livre para o paciente e a correspondente atenção flutuante para o analista. Que transformações o par analítico vem sofrendo desde então?

Daniel Kupermann

Freud propôs uma prática psicoterapêutica baseada menos na eficácia – cujo critério é atingir um objetivo pré-estabelecido – e mais na eficiência – cujo critério é a sensibilidade para reconhecer e aceitar os movimentos que se impõem ao longo de determinado percurso (Jullien, 1998). Desse modo, subverteu o sentido das terapêuticas médicas ocidentais. Ferenczi (1928/1992a) traduz isso dizendo que a análise não transcorre segundo um projeto feito por arquiteto. Assim, a associação livre e a atenção flutuante, seus matizes e sutilezas, são efetivamente as balizas que determinam uma análise, o que acontece, porém, apenas quando há o estabelecimento de um campo transferencial/contratransferencial.

No percurso da história da psicanálise, com a percepção da onipresença dos fenômenos da repetição e da perlaboração a partir de Freud (1914/2017) e de Ferenczi e Rank (1924/2022), o privilégio na clínica foi sendo deslocado dos conteúdos recalçados para a relação estabelecida entre o par analítico. As transformações da prática clínica correspondem ao entendimento das particularidades dessa relação, que variam de acordo com o momento histórico.

No que se refere à relação analítica, sabemos que, em um primeiro momento, a transferência foi *persona non grata* no edifício teórico freudiano. “Falsa ligação”, “sugestão”, “resistência” foram as primeiras qualificações da transferência. Paralelamente, a contratransferência, sobre a qual Freud pouco falou, equivalia aos pontos cegos do analista e deveria ser controlada.

O campo psicanalítico sofreu fortes modificações em relação a esse entendimento, e a contratransferência passou a adentrar as teorias da clínica psicanalítica pela porta da frente, primeiro com Ferenczi (1932/1990); depois, no pós-guerra, com vários autores da escola inglesa, com destaque para Paula Heimann (1950). A virada ferencziana coincide com a criação de um estilo empático que postulava que os afetos do psicanalista eram convocados para o exercício da clínica, especialmente no tratamento dos casos mais graves e dos pacientes clivados. Ferenczi (1928/1992a) formulou uma “elasticidade” da técnica que inspirou gerações de psicanalistas. Balint, Winnicott, Kohut e Ogden, para citar apenas alguns expoentes do que eu nomeei *estilo empático* na clínica psicanalítica, avançaram na redescrição das características da relação do par analítico (Kupermann, 2022).

No meu entendimento, os dois princípios maiores referentes ao manejo da transferência sofreram mudanças significativas ao longo das últimas décadas: o princípio da neutralidade e o princípio da abstinência. Eles deixaram de significar uma postura afetivamente distanciada do analista, que vigorou no período em que psicanalisar era sinônimo de interpretar.

Atualmente, entende-se a neutralidade do psicanalista segundo a ideia de que as escolhas éticas do analisando não devem ser constrangidas por quaisquer direcionamentos morais do psicanalista, sejam as escolhas amorosas, sexuais ou políticas. Pode parecer óbvio, mas basta pensar nos problemas de gênero e nas críticas que as teorias *queer* dirigiram à psicanálise para perceber que o óbvio precisa ser repetidamente reafirmado para se evitar violências cometidas em nome da psicanálise.

Por seu turno, a abstinência é menos referida aos modos de satisfação encontrados pelos analisandos na situação clínica, do que ao fato de que o psi-

canalista deve se abster de extrair satisfações narcísicas nas análises que conduz. E basta pensar em certos cruzamentos operados nas análises dos analistas que acontecem em instituições de formação para perceber a dificuldade em se manter a abstinência analítica (Kupermann, 2020).

O problema da neutralidade, atualmente, toca ainda nas questões do desmentido traumático. Circula há muitos anos a crítica, bastante compreensível, de que a suposta neutralidade do psicanalista terminou por retraumatizar analisandos submetidos a violências e segregações sexistas e racistas, e também a imposições culturais advindas de condutas colonizadoras naturalizadas. Deixar de reconhecer o sofrimento provocado pelo racismo, pelo sexismo ou pelo colonialismo, longe de ser expressão da neutralidade necessária ao ofício psicanalítico, é uma forma de surdez frente a traumas repetidos e bastante factuais que atingem grande parcela da população em sofrimento psíquico.

Vou dar um exemplo não tão distante de nós: se o analista do Amílcar Lobo interpretava seu mal-estar por fazer parte de equipe de tortura durante a ditadura militar brasileira como a expressão de “aspectos sadomasoquistas referentes às suas relações parentais”, isso não tem nada a ver com neutralidade! Trata-se de absoluta conivência com as violências cometidas pelo estado de exceção implantado em nossa sociedade naquele momento, travestida de neutralidade (Kupermann, 2020).

Por fim, não gostaria de deixar de mencionar as transformações exigidas pela presença significativa da clínica *on-line* desde a pandemia da Covid-19, ao menos no Brasil (na Europa ela é mais rara). Questões que sempre atravessaram as discussões sobre o *setting* e sobre a técnica, tais como o silêncio em análise, o uso do divã, as interações sensíveis entre analista e analisando, e mesmo as dificuldades de atenção e concentração do psicanalista, se impuseram a nós, e não creio que tivemos tempo suficiente para amadurecê-las.

Outro fato que está longe de ter sido suficientemente analisado pela comunidade psicanalítica: a maior parte dos analisandos dos grandes centros urbanos não faz análise de alta frequência (três ou quatro vezes por semana). No que isso vem transformando o que se entende por psicanálise e por psicanalisar? São esses, me parecem, alguns dos nossos desafios.

Elias Mallet da Rocha Barros

Em 2019, apresentamos um trabalho na Itália cujo título era *Uma refundação do conceito de contratransferência: a rêverie*. A grande transformação me parece ser a ênfase que damos hoje à noção de intersubjetividade e à

ideia de processos metapsicológicos em lugar de conteúdos metapsicológicos. Estamos mais interessados, ou seja, mais focados *em como as pessoas pensam*, inclusive os analistas, do que *no conteúdo do que pensam*. Com esta afirmação não estou descartando a importância do conteúdo ou da história de vida, mas apenas problematizando estes dois focos. Mencionei duas ideias aparentemente simples, mas que na verdade são de larguíssimas consequências para a Psicanálise. Dada a limitação de espaço, não me estenderei aqui sobre este assunto.

Outro ponto sobre o qual eu e Elizabeth, minha esposa, temos trabalhado, é a questão da *forma* em sua *expressão de imagem*. Em outro trabalho, citamos o neurocientista Damásio, que escreveu:

Nossas percepções e as ideias que elas evocam geram continuamente uma descrição paralela baseada em linguagem construída com imagens. Todas as palavras que usamos em qualquer linguagem – falada, escrita ou percebida pelo tato, como no braille – são feitas mentalmente de imagens. (2018, p. 107)

Nesta passagem, Damásio conclui que imagens são o símbolo universal da mente. Este neurocientista concentra-se na matéria psíquica sem qualificá-la de consciente ou não. Será que um analista não poderia dizer a mesma coisa, só que *reafirmando seu caráter inconsciente*, sujeito a um psicodinamismo próprio? Penso que será muito interessante a exploração da relação da imagem com a linguagem, do ponto de vista inconsciente, mas também consciente.

Por fim, gosto do conceito proposto pelo professor Luís Claudio Figueiredo, de “psicanálises transmatriciais”, ou seja, de conjuntos de ideias que passam diversos autores, articulando seus pensamentos num novo conjunto.

Virginia Ungar

Essa formulação freudiana segue vigente e sempre a pensei como uma aspiração. Não há nada menos livre do que a associação no começo de uma análise, já que o discurso do paciente está sujeito às amarras que sua própria neurose lhe impõe, ainda mais nas situações clínicas que não se encaixam nos quadros neuróticos. Nesses casos, os processos de simbolização são alterados e a escuta de um analista pode chegar a um ponto em que ele empresta sua mente para que possa ocorrer um processo terapêutico. Por outro lado, a expansão da psicanálise, com os desenvolvimentos sobre a contratransferência, possibilitou que o analista esteja disposto a realizar uma espécie de monitoramento de seu estado

mental, permitindo-lhe detectar qualquer interrupção de sua atenção flutuante que o alerte sobre um possível *enactment*.

Ainda que tenha havido mudanças na clínica, na técnica e até na teoria, desde a época em que nasceu a psicanálise, o par associação livre/atenção flutuante segue sendo o núcleo do processo analítico. Transformaram-se as formas de comunicação entre pacientes e analistas, admitem-se contatos pelo celular, *WhatsApp* e outros dispositivos, mas o espaço analítico é um dos poucos, senão o único, que oferece a alguém que nos procura a oportunidade de contar com uma área de intimidade que o/a analista fará tudo o que for possível para sustentar.

A pandemia apresentou-nos o desafio do atendimento *on-line* e nós nos adaptamos, em uma época de isolamento necessário, para trabalhar com os dispositivos que a tecnologia nos oferece. Aprendemos muito. Reverteu-se o espaço de trocas, entramos na casa de nossos pacientes, atendemos em automóveis, estacionamentos, cozinhas, parques e outros lugares.

Compartilhamos as sessões com crianças, animais de estimação e barulhos; nossa capacidade de sustentar a atenção flutuante foi posta à prova. E vimos que, quando temos internalizada a atitude analítica, podemos seguir adiante, pois o enquadre tem como eixo central nossa convicção no método analítico.

Idioma original

2. Freud estableció como reglas fundamentales para la práctica psicoanalítica la asociación libre para el paciente y la correspondiente atención flotante para el analista. ¿Qué transformaciones ha experimentado el par analítico desde entonces?

Esta formulación freudiana sigue vigente y siempre la he pensado como una aspiración. Nada hay menos libre que la asociación al comienzo de un análisis, ya que el discurso del paciente está sujeto a las ataduras que su propia neurosis le impone y mucho más aún en las situaciones clínicas que no se encuadran en los cuadros neuróticos. En estos últimos, los procesos de simbolización están alterados y la escucha de un analista puede llegar a un punto en que “presta” su mente para que pueda tener lugar un proceso terapéutico.

Por otra parte, la expansión que ha tenido el psicoanálisis con los desarrollos sobre la contra-transferencia han permitido que el analista esté dispuesto a realizar una especie de monitoreo de su estado mental que le permite detectar cualquier interrupción de su atención flotante que alerte sobre un posible *enactment*.

Si bien ha habido cambios en la clínica, la técnica y hasta en la teoría desde la época en que nació el psicoanálisis, el par asociación libre - atención flotante sigue siendo el núcleo del proceso analítico. Han cambiado las formas de comunicación entre pacientes y analistas, se admiten los contactos por celular, *WhatsApp* y otros dispositivos, pero el espacio analítico es uno de los pocos, sino el único, que ofrece a alguien que nos consulta la oportunidad de contar con un área de intimidad en que el/la analista va a hacer todo lo posible para sostener.

La pandemia nos ha presentado el desafío de atender online y nos hemos adaptado, en la época de un aislamiento necesario, a trabajar con los dispositivos que la tecnología nos ofrece. Hemos aprendido mucho, se revirtió el espacio de intercambio, entramos en la casa de nuestros pacientes, hemos atendido en automóviles, *parkings*, cocinas, parques y más lugares.

Hemos compartido sesiones con niños, mascotas y ruidos y se ha puesto a prueba nuestra capacidad de sostener la atención flotante. Y hemos visto como cuando tenemos internalizada la actitud analítica podemos seguir adelante, pues el encuadre tiene como eje central nuestra convicción en el método analítico.

3. Frequentemente fala-se sobre a crise da psicanálise e indaga-se sobre o seu futuro. Para a psicanálise de amanhã, como formar psicanalistas?

Daniel Kupermann

Se considerarmos o aumento da demanda de análise nos grandes centros urbanos após a pandemia da Covid-19, pode-se dizer que, nesse aspecto, não há crise da psicanálise. As pessoas procuram a psicanálise para tratar seus sintomas, sofrimento e mal-estar. E a psicanálise é bastante presente nas instituições de cuidado da nossa vida social, como hospitais, escolas e instituições do judiciário. Além disso, é forte nas nossas universidades, em programas de pós-graduação voltados para a pesquisa, e é onipresente na mídia (audiovisual, imprensa e nas redes sociais), o que contribui para manter seu prestígio. Mérito para os psicanalistas brasileiros, que têm produzido e difundido o saber psicanalítico, preservando, na maior parte das vezes, seus princípios éticos inalienáveis. Evidente que isso se deve, a meu ver, menos ao mérito direto das instituições de formação psicanalítica (das mais variadas filiações teórico-clínicas), e mais à transmissão da psicanálise nos cursos de graduação em psicologia. Ao contrário de algumas décadas atrás, o psicanalista brasileiro tem, em sua maioria, uma graduação em psicologia.

Portanto, se há crise da psicanálise, ameaçando seu futuro, ela parece vir de duas frentes distintas. A externa, ou seja, aquela oriunda de tendências da nossa vida cultural, e a interna, aquela referente ao próprio processo de institucionalização da psicanálise.

Na frente externa encontramos a ameaça do discurso neurocientífico (pseudocientífico, devemos sublinhar), que transformou o cérebro em uma entidade coringa, capaz de tudo explicar, promovendo a consequente hipermedicalização do sofrimento psíquico. Roudinesco (2000) discutiu isso em um manifesto escrito há mais de vinte anos. E, na medida em que o sujeito ético (sujeito do desejo) deixa de ser um valor compartilhado entre nossos concidadãos, a psicanálise perde força de atração. Penso que essa dimensão da crise da psicanálise está ligada a uma crise mais ampla, que proporei chamarmos de uma “crise da liberdade”. Quanto menos livres sentimo-nos para criar modos de vida e de sociabilidade satisfatórios – quanto menos luz no fim do túnel, para utilizar uma expressão idiomática –, mais recorremos a explicações químico-fisiológicas para justificar nosso mal-estar e nosso sofrimento. Cito aqui Byung-Chul Han (2017), que descreve bastante bem esses efeitos produzidos pela “sociedade de desempenho”, segundo a nomenclatura da Escola de Frankfurt. O desafio para os psicanalistas é o de constituir uma metodologia de pesquisa e uma linguagem de “divulgação científica” capaz de afetar novamente nossos concidadãos, ressensibilizando os espíritos para as dimensões do desejo e da liberdade que animam nossa subjetividade.

Na frente interna, referida aos modos de institucionalização da psicanálise, penso que as maiores ameaças residem sobre alguns sintomas promovidos pelo próprio processo de formação psicanalítica. Demonstrei isso minuciosamente em *Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições* (Kupermann, 2020). O encerramento, que ocorre em algumas escolas, em um pensamento único, a transmissão superegoica da psicanálise, responsável pela excessiva obediência dos psicanalistas aos seus mestres e às suas teorias, são alguns dos sintomas notados desde o final da segunda guerra que mereceram a denúncia de autores do porte de Balint e Lacan. A formação psicanalítica tende a produzir obediência, e não inquietação intelectual e investigadora. Mais próximo das igrejas do que da *Weltanschauung* científica, como queria Freud.

Esse problema me levou a propor um quarto pé, complementar ao tripé da formação psicanalítica. Assim, ao lado da análise pessoal, supervisão clínica e estudo dos cânones da psicanálise, a *pesquisa*. Parece-me evidente que, após mais de cem anos de aventura psicanalítica, há hoje um *topos* de produção de

saber e de transmissão da psicanálise que não pode mais ser desconsiderado: a universidade (Kupermann, Brancaleoni, Moreira & Hentz, 2022). Assim, penso que seria preciso promover uma maior interlocução entre as instituições psicanalíticas e a universidade, de maneira a consolidar a pesquisa como parte da formação psicanalítica. Claro que pode haver pesquisa, e há, fora do ambiente universitário, mas nem sempre é preciso reinventar a roda; perde-se tempo e energia desconsiderando as virtudes do que já está construído.

Não gostaria de deixar de mencionar um problema mais recente que enfrentamos, sobretudo desde a pandemia da Covid-19. A enorme proliferação de instituições e, mesmo, de empresas com fins lucrativos que pretendem formar analistas, sem que seus líderes (ou proprietários, no caso das empresas) tenham tido, eles mesmos, uma formação psicanalítica adequada. Recentemente, inclusive, mais precisamente no final de 2021, fomos surpreendidos com a oferta, por uma universidade privada, de um curso de bacharelado em psicanálise, na sua maior parte *on-line*.

Em seu discurso para a criação da Associação Psicanalítica Internacional, no Congresso de Nuremberg, em 1910, Ferenczi (1911/1991) alertava para o risco de que “viéssemos a ficar em moda e crescesse rapidamente o número daqueles que se dizem psicanalistas sem o ser” (p. 151). Como escrevi alhures, o problema não é a psicanálise estar na moda, mas deitar a cabeça no divã de um psicanalista “diplomado”, mas sem formação adequada. Democratizar a formação psicanalítica não pode ser sinônimo de banalizá-la.

Elias Mallet da Rocha Barros

Num primeiro momento, sou tentado a dizer que quem souber dar esta resposta está mal-informado. Este comentário mostra apenas o quão difícil é responder a esta provocação. Numa tentativa expressa de maneira muito genérica, diria que mais e mais o analista tem que ser um homem de seu tempo e de ampla cultura geral. Vou dizer uma coisa que será antipatizada por todos, ainda que possam concordar. A psicanálise se transformou numa profissão liberal inserida no mercado. Disso ela sofre. Seria possível ser diferente sem colorir nossa sugestão de elitismo? Como profissionais liberais, somos convidados a curar como o médico e os pronto-atendimentos fazem. Somos convidados a nos autoenganar, dizendo-nos que sabemos “curar”, mesmo quando negamos adotar o modelo médico. E o que sabemos fazer é “curar” como se cura o queijo ou o vinho, mas mesmo para isto acontecer, precisamos trabalhar sobre a matéria prima com potencial.

Então, como responder à sua pergunta? Em termos muito genéricos, diria que o psicanalista do futuro idealmente deveria ser “formado” de uma maneira a desenvolver e apurar sua sensibilidade, seu gosto artístico, sua sensibilidade para a forma, para o som, para o sublime. Seria esta uma concepção elitista?

Virginia Ungar

Penso que, mais do que crise da psicanálise, podemos pensar em crise dos psicanalistas. Evidentemente, não desconheço a dificuldade em realizar análises em um mundo hiperconectado, com uma enxurrada constante de estímulos, a prevalência de imagens e uma realidade que nos obriga a conviver com incertezas, neste momento da história. A tragédia climática, a pandemia de Covid-19 e, agora, uma guerra que parece ter se tornado crônica acrescentam ainda mais dificuldades.

Ao mesmo tempo, a psicanálise é mais necessária do que nunca. Desenvolvemos um método que provou ser eficaz e esse fato nos permite seguir adiante com nossa prática, mas também seguir adiante por outros territórios que vão além do consultório privado, para trabalhar na comunidade, oferecendo não somente nossa maneira de pensar os problemas, como também a possibilidade de fazer intervenções. Esta foi a base da criação de uma nova estrutura durante a administração latino-americana anterior, com Sergio Nick: IPA na Comunidade.

A respeito da formação, prefiro pensá-la como transmissão da psicanálise – território em que esse termo, e não o termo ensino, é mais do que pertinente, pois nos situa em um campo muito particular em que os critérios habituais da pedagogia não são suficientes para abarcar a experiência.

Donald Meltzer (1971/1997) chegou a dizer que nossa profissão não pode ser ensinada; “pode-se facilitar sua aprendizagem”. Ideia que o leva a propor um sistema de ateliê como um “lugar ao qual pudesse recorrer qualquer pessoa que tivesse alguma coisa para ensinar e qualquer um que desejasse aprender” (p. 273).

A partir do reconhecimento da ampliação dos processos de subjetivação, hoje sabemos que não há uma psicanálise que possa ser pensada fora de seu contexto e das condições em que esses processos ocorrem. Além disso, o diálogo com outras disciplinas se mostrou não apenas necessário, como também muito enriquecedor.

Com base nisso, hoje em dia devemos refletir não apenas sobre qual psicanálise praticamos, mas também qual psicanálise ensinamos. Os fundamentos clínicos, técnicos e teóricos da psicanálise só vão crescer e se expandir se prestarmos atenção e nos envolvermos nos problemas do mundo em que vivemos.

Idioma original

3. A menudo hablamos de la crisis del psicoanálisis y nos interrogamos por su futuro. Para el psicoanálisis del mañana, ¿cómo formar psicoanalistas?

Pienso que más que crisis del psicoanálisis podemos pensar en crisis de los psicoanalistas. Por supuesto que no desconozco la dificultad que implica llevar adelante un análisis en un mundo hiperconectado, con un constante aluvión de estímulos, con prevalencia de la imagen y una realidad que nos obliga a convivir con la incertidumbre en este momento de la historia. La tragedia climática, la pandemia del Covid-19 y ahora una guerra que parece haberse vuelto crónica agregan aún más dificultad.

Al mismo tiempo, el psicoanálisis está más necesitado que nunca. Hemos desarrollado un método que ha sido probado en su eficacia y este hecho nos permite seguir adelante con nuestra práctica, pero además circular por otros territorios que van más allá del consultorio privado para trabajar en la comunidad. Ofreciendo no solamente nuestra manera de pensar los problemas sino también la posibilidad de hacer intervenciones. Esta fue la base de la creación de una nueva estructura durante la anterior administración latinoamericana junto con Sergio Nick: API en la Comunidad.

Con respecto a la formación, prefiero pensarla como transmisión del Psicoanálisis, territorio en el que ese término y no el de enseñanza resulta más que pertinente pues nos ubica en un campo muy particular en el que los criterios habituales de la pedagogía no resultan suficientes para abarcar la experiencia.

Donald Meltzer (1971/1997) llegó a decir que nuestra profesión no se puede enseñar, “se puede facilitar el aprendizaje”, idea que lo lleva a proponer un sistema de atelier como “un lugar al que pudiera recurrir quienquiera que tuviera algo para enseñar y toda persona deseosa de aprender” (p. 273).

Por el giro que se ha dado a partir de tomar en cuenta los procesos de subjetivación, hoy sabemos que no hay un psicoanálisis que pueda ser pensado fuera del contexto y las condiciones en las que éste tiene lugar. Además, el diálogo con otras disciplinas ha mostrado ser, no solamente necesario sino muy enriquecedor.

En base a esto, hoy en día debemos reflexionar no solo sobre que psicoanálisis practicamos sino también que psicoanálisis enseñamos. Los fundamentos clínicos, técnicos y teóricos del psicoanálisis crecerán y se expandirán sólo si prestamos atención y nos involucramos en los problemas del mundo que habitamos.

4. Qual a compreensão da posição do analista na pólis? Quais efeitos e desdobramentos têm a pólis sobre a escuta e a prática clínica?

Daniel Kupermann

Pareceria clivado demais responder a essa pergunta sem fazer referência ao que vivemos muito recentemente no Brasil, ou seja, às últimas eleições presidenciais. Foi a primeira vez que assistimos muitas instituições psicanalíticas – a maioria, eu diria – se posicionarem explicitamente a favor de uma chapa, no caso a chapa Lula/Alckmin, o que indicava a rejeição categórica do candidato da chamada “extrema direita” e de seu vice, ambos oriundos do exército e propagadores de um discurso golpista, francamente ameaçador do Estado democrático de direito. Algumas instituições vinculadas à IPA, incluindo a FEBRAPSI, evitaram apoio explícito à chapa vencedora – soube que havia, em alguns lugares do Brasil, muitos membros dessas instituições que repudiariam esse apoio explícito e, mesmo, que tinham preferência pelo candidato à reeleição –, mas sentiram a necessidade de reafirmar publicamente seu apoio às instituições democráticas e ao Estado de direito. O que indica esse fenômeno inédito?

Longe de se tratar de preferências partidárias, é preciso sublinhar, me parece que houve, nesse momento da nossa jovem história democrática, o consenso de que a psicanálise só pode existir em um contexto sociocultural no qual a liberdade de expressão é, efetivamente, um valor. Não no sentido de se dizer o que vem à cabeça, em nome de uma pseudoautenticidade, sobretudo quando o que vem à cabeça é a humilhação, depreciação e segregação da alteridade. Mas no sentido de reconhecer que a invenção freudiana, baseada em um método que adota uma regra fundamental, a associação livre, só foi possível em um momento da modernidade no qual os cidadãos dos estados europeus reconheceram que a liberdade de expressão – do desejo, da sexualidade, das expressões culturais das minorias subalternizadas – era um valor inalienável. Não por acaso a psicanálise foi obra de um judeu emancipado, que algumas décadas antes não teria nem o direito de estudar em uma universidade austríaca.

A partir do exemplo brasileiro, penso ser possível demonstrar, portanto, que a psicanálise, em sua versão de movimento representado por uma comunidade de profissionais, é apartidária, como demonstrou Freud em *O mal-estar na civilização* (1930[1929]/1980a), mas não apolítica, tampouco neutra. Evidente que a psicanálise, em sua versão de discursividade promotora de um saber sobre o psiquismo humano, é neutra no sentido de poder tomar qualquer manifestação individual ou cultural como objeto de análise, seja a religião, o nazismo, a

monogamia, o desejo de maternidade e, mesmo, a constituição psíquica e psicopatológica de líderes políticos. Isso não implica, como me parece ser a confusão feita por alguns colegas, que os psicanalistas não possam, e não devam, condenar práticas sociopolíticas, como genocídios, repressão cultural e política, violências contra crianças, mulheres, índios, pretos e outras comunidades subalternizadas, destruição do planeta ou ataques frontais às instituições democráticas.

O conceito de desmentido social, oriundo da leitura feita por Ferenczi (1931/1992b; 1933/1992c) da *Verleugnung* constitutiva da traumatogênese, é especialmente fértil para inspirar a reflexão sobre a posição do analista na pólis e sobre a escuta e a prática clínica frente ao sofrimento de sujeitos e populações em condição de vulnerabilidade.

Elias Mallet da Rocha Barros

Outra questão complexa, difícil de ser respondida sem muito espaço para argumentação. Recentemente, Elizabeth Roudinesco publicou o livro *O eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias* (2022). Um bom número de psicanalistas atuais, muitos amigos meus que admiro, desejariam passar um trator sobre suas ideias neste livro sobre a relação da pólis com as questões identitárias. O primeiro comentário que faria seria dizer que um autor deve ser valorizado pelo seu caráter inspiracional, pela sua capacidade de construir, formular, equacionar problemas. Não devemos apenas nos limitar a seguir ou nos contrapor às respostas que ele nos oferece.

Ontem, ouvi de um professor de Harvard o seguinte comentário: “Um bom professor é aquele que, diante de um problema complexo, o torna mais complexo ainda”. As diversas questões identitárias seriam questões de fato psicanalíticas? Antes que me caíam em cima com críticas contundentes, diria que estou plenamente de acordo com a ideia de que a Cultura deve ser posta no divã. A questão é o que deveremos focar quando o fazemos.

Questões identitárias não seriam eminentemente políticas, antropológicas sociológicas, mas sobretudo políticas? Psicologizá-las ou psicanalizá-las não seria subjetivá-las e, assim, esvaziar seu conteúdo objetivo? Não creio que possamos explicar o fascismo psicanaliticamente. Podemos eventualmente tentar entender o que propicia a identificação de uma pessoa com o fascista, com o tirano, com a violência. Neste caso, estaríamos tentando entender identificação com atitudes, emoções e não com ideologias. Num mundo em que a genética sepultou definitivamente a noção de “raça” porquê e como algumas (ou muitas) pessoas recusam a racionalidade e adotam o glamour da ignorância.

É uma inclinação para se identificar com o poderoso sádico para defensivamente apagar um sentimento de humilhação? Por que o *diferente* suscita ódio em alguns?

Sabemos, de fato, selecionar os aspectos dos processos identitários que possam proficuamente ser trabalhados em nosso campo? Há muitas maneiras de conceber uma identidade, desde aquelas muito genéricas (baseada na cor da pele, por exemplo) até outras muito específicas, associadas a processos de aquisição de identidades, a *modos de* e não ao conteúdo em si. Por exemplo, identificar-se com a humilhação fruto da diferença.

Da maneira como o fazemos, será que não estamos dando guarita a uma atitude defensiva? Defensiva no sentido de tornar uma característica externa (cor da pele, identidade sexual, ser careca ou gordo, feio... são infinitas as possibilidades de montar grupos identitários ou coortes, para usar um vocabulário de pesquisa) que é menosprezada, marginalizada do centro da questão, sem darmos prioridade ao fato de que nossa maior tarefa é transformar o mundo e não proteger-se ou defender-se dele.

Para mim, a questão central psicanalítica é de como transformar o mundo e, para tanto e anteriormente, nossa subjetividade. Externamente, como nos preparar emocionalmente para combater a desigualdade brutal, a invisibilidade do miserável, a miséria moral e intelectual, o glamour que a ignorância adquiriu.

Eu me perguntaria, por exemplo, o que um negro militante do Boko Aran (prestem atenção ao nome, um movimento contra a educação) *tem em comum* (que identidade compartilham além da cor da pele?) com um negro brasileiro, tratado até hoje num modelo que herdamos da escravatura, que muitas vezes não tem o que comer ou que, quando educado, não possui um instrumento para se inserir no mercado de trabalho com perspectivas de sucesso? Seria a cor da pele o elemento identitário? Por que os militantes do Boko Aran tornam-se sanguinários, assassinos sádicos de inocentes e crianças, enquanto a maioria dos negros brasileiros se submetem, tornam-se doces, gentis, de forma a despertar afeto, mas não respeito?

Há pouco tempo, li algo escrito por uma psicanalista que admiro por sua formação, pelo que já escreveu e por sua postura ética que, para proteger seu filho negro, ela de fato necessitava se fundir com ele, e que interpretar a fusão, no caso, era uma atitude intrinsecamente racista. Para mim, há um grande equívoco aqui. Fundir-se com alguém é eliminar a identidade deste outro, que deixa de sê-lo. É o contrário da proteção que uma mãe deve oferecer a seu filho.

A fusão seria, a meu ver, uma atitude que guarda certa semelhança com o racismo, que ignora, elimina, assassina a identidade de um diferente, seja pela cor da pele, religião, *status* social etc.

Em suma, neste espaço que me é generosamente oferecido, não posso abusar e finalizo dizendo que a questão da pólis no campo da psicanálise deve ser tratada como uma interrogação, como uma problemática a ser equacionada, antes de tentarmos respondê-la psicanaliticamente.

Virginia Ungar

Entendo que a pergunta parte do conceito de pólis em referência às cidades-estados da Grécia Antiga, o que poderia hoje ser tomado como metáfora de um ordenamento que fixa as condições para a convivência entre os seres humanos.

Historicamente, a pólis grega determinava exclusões contundentes em relação a liberdades e direitos. Os cidadãos – filhos de pais atenienses, homens, adultos, prósperos – tinham a possibilidade de participar de modo direto do desenho das regras da vida comum. Isso fazia da cidadania uma condição que excluía estrangeiros, mulheres, escravos e metecos.

Apesar do caráter excludente da cidadania, esta noção continuou sendo chave na tradição republicana, assentada sobre uma concepção da política como âmbito em que os homens podem e devem buscar conjuntamente o bem-estar.

Como pensar esse conceito no âmbito das sociedades complexas de nosso presente? Como seria possível chegar a acordos consensuais sobre o bem comum? Do intelectual crítico ao analista cidadão, observamos um salto que qualifica a nova posição do analista na pólis. A psicanálise está inserida no mundo e em sua época, em sua aposta no sujeito e no laço social.

O sistema capitalista, com o seu compromisso com a globalização, procurou homogeneizar as cidades e colocou o foco na procura e na obtenção de objetos de consumo. Convida os profissionais de saúde mental a “consertar as falhas” e, de alguma forma, a “fazer calar o sintoma” e a inserir aqueles que não se adaptam à norma educativa.

Os psicanalistas não respondem a essa pressão. A psicanálise implica, além de uma teoria e uma prática, também uma maneira de estar no mundo. Não é apenas uma visão ou uma escuta, mas abarca toda a vida de um analista (e não me refiro a posições ideológicas nem a opiniões); implica uma posição ética e um compromisso inelutáveis.

Idioma original

4. ¿Cuál es la comprensión de la posición del analista en la polis? ¿Qué efectos y despliegues tiene la polis sobre la escucha y la práctica clínicas?

Entiendo que la pregunta comprende el concepto de polis en referencia a las ciudades-estado de la antigua Grecia y que podría hoy ser tomado como metáfora del ordenamiento que fija las condiciones para la convivencia entre los seres humanos.

Históricamente, la polis griega determinaba exclusiones contundentes en relación a libertades y derechos. Los ciudadanos -hijos de padres atenienses, varones, adultos, prósperos- tenían la posibilidad de participar de modo directo del trazado de las reglas de la vida en común. Esto hacía de la ciudadanía una condición que excluía a extranjeros, mujeres, esclavos y metecos.

A pesar del carácter excluyente de la ciudadanía, esta noción continuó siendo clave en la tradición republicana, asentada sobre una concepción de la política como ámbito en el que los hombres pueden y deben buscar conjuntamente su bienestar.

¿Cómo pensar este concepto en el marco de sociedades complejas de nuestro presente? ¿Cómo sería posible lograr acuerdos concertados sobre el bien común?

Del intelectual crítico al analista ciudadano, observamos un salto que califica la nueva posición del analista en la polis. El Psicoanálisis está inserto en el mundo y en su época, en su apuesta al sujeto y al lazo social.

El sistema capitalista con su apuesta a la globalización ha buscado la homogeneización de las ciudades y ha ubicado el eje en buscar y conseguir el objeto de consumo. Convoca a los profesionales de la salud mental a “arreglar lo que falla” y de alguna manera a “callar el síntoma”, a lograr insertar al que no se adapta a la norma educativa.

Los psicoanalistas no respondemos a esa presión. El Psicoanálisis implica además de una teoría y una práctica, una manera de estar en el mundo. No es solo una visión o una escucha, toma toda la vida de un analista y no me refiero a posiciones ideológicas ni a opiniones, implica una ética y una toma de compromiso ineludibles.

Referências

- Beauvoir, S. (2016). *El segundo sexo*. Buenos Aires: Penguin Random House. (Original publicado em 1949.)
- Damasio, A. (2018). *A estranha ordem das coisas. As origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1932.)
- Ferenczi, S. (1991). Sobre a história do movimento psicanalítico. In S. Ferenczi, *Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1911.)
- Ferenczi, S. (1992a). Elasticidade da técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1928.)
- Ferenczi, S. (1992b). Análise de crianças com adultos. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1931.)
- Ferenczi, S. (1992c). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933.)
- Ferenczi, S. & Rank, O. (2022) *Metas do desenvolvimento da psicanálise: sobre a interação da teoria e da prática*. São Paulo: Quina. (Original publicado em 1924.)
- Freud, S. (1980a). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Original escrito em 1929 e publicado em 1930.)
- Freud, S. (1980b). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937.)
- Freud, S. (2017). Lembrar, repetir, perlaborar. In S. Freud, *Fundamentos da clínica psicanalítica* (C. Dornbusch, trad., Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 6). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Original publicado em 1914.)
- Han, B.-C. (2017). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Heimann, P. (1950). On countertransference. *International Journal of Psycho-Analysis*, 31: 81-84.
- Jullien, F. (1998). *Tratado da eficácia*. São Paulo: editora 34.
- Kupermann, D. (2017). O quarto golpe e a virtude freudiana. In D. Kupermann (Org.), *Por que Freud hoje?* São Paulo: Zagodoni.
- Kupermann, D. (2020). *Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições*. São Paulo: Zagodoni.
- Kupermann, D. (2022). *Por que Ferenczi?* (2ª edição). São Paulo: Zagodoni.
- Kupermann, D.; Brancaleoni, A. P.; Moreira, L. E. V. & Hentz, R. (Orgs.). (2022). *Psicanálise: pesquisa e intervenção*. São Paulo: Zagodoni.
- Mascarenhas, E. (1982). Aquele que deixou de ser sem nunca ter sido ou a psicologia de classe média dos psicanalistas. In O. Cerqueira Filho (Org.), *Crise na psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal.

- Meltzer, D. (1996). El proceso psicoanalítico. Buenos Aires: Ediciones Hormé. (Original publicado em 1968.)
- Meltzer, D. (1997). Hacia un sistema de taller. Buenos Aires: Editorial Spatia. (Original publicado em 1971.)
- Roudinesco, E. (2000). *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roudinesco, E. (2022). *O eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Viereck, G. S. & Souza, P. C. (2020). O valor da vida (Uma entrevista rara de Freud). *Ide*, 42(69): 11-15. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v42n69/v42n69a02.pdf>
-

Daniel Kupermann
danielkupermann@gmail.com

Elias Mallet da Rocha Barros
erbarro@terra.com.br

Virginia Ungar
virginiaungar@gmail.com

Tradução: Maria Izabel Varella
Varellabel@gmail.com